

Seplan prevê "new money", só em 1989

O Governo prevê, num cenário conservador, a necessidade de obter dos bancos no período 1986-1989, **dinheiro novo** (ou new money, como se diz no mercado internacional), no valor de 2,4 bilhões de dólares por ano; esse volume, entretanto, sobe para 4 bilhões de dólares por ano, num cenário pessimista. Num cenário mais favorável, o País necessitaria cerca de 1,4 bilhão, mas só para 1989.

Esses números constam de um documento da Seplan chamado **Projeções para o Setor Externo da Economia Brasileira no Período 1986-1989**, concluído na última terça-feira. Apresenta três cenários com um viés pessimista, justificado devido ao atual quadro de instabilidade e incerteza que podem comprometer o desempenho da economia mundial nos próximos anos. A Seplan, por exemplo, prevê a possibilidade de permanência do desequilíbrio da economia norte-americana, cujo reflexo apontados são a desvalorização do dólar, a elevação das taxas de juros, a redução do crescimento da economia dos Estados Unidos e dos demais países industrializados. Para este ano, a assessoria de assuntos externos da Seplan trabalha com a hipótese de que a economia americana atinja um déficit fiscal de US\$ 210 bilhões e um déficit em transações correntes de US\$ 117 bilhões.

Os três cenários são montados com quatro variáveis: taxa de juros (**libor mais spread**), crescimento do comércio mundial, crescimento dos países industrializados e variação nos termos de troca. No cenário conservador, ou central, que prevê o ingresso de US\$ 2,4 bilhões em dinheiro novo por ano, imagina-se a — uma dívida líquida que permanece aproximadamente constante em termos nominais, caindo, entretanto, 16 por cento em termos reais nos quatro anos; b — saldo comercial de US\$ 13 bilhões; c — déficit em conta-corrente baixo, de cerca de 1 bilhão de dólares em média por ano; e d — indicadores externos evoluindo satisfatoriamente.

No cenário menos favorável, trabalha-se com as hipóteses de um saldo comercial de 12 bilhões de dólares por ano; de um déficit em conta-corrente que cresce para 3 bilhões de dólares por ano; de uma dívida externa líquida crescendo 10 por cento em termos nominais e caindo apenas 8 por cento em termos reais no período 86-89. A Seplan imagina, nessa alternativa, taxas de juros internacionais de 13,3 por cento, em 1986; 12,6 por cento, em 1987; 12,3 por cento, em 1988, e 12,2 por cento em 1989; taxa de crescimento real do comércio mundial de 0,5 por cento em 1986 e de 1,7 por cento, de 1987 a 1989; e uma deterioração de cerca de 10 por cento nos termos de troca não-petróleo.